

**AVALIAÇÃO DO ESTADO NUTRICIONAL E DO CONSUMO ALIMENTAR DE CRIANÇAS
 EM FASE PRÉ-ESCOLAR E ESCOLAR DE UMA ESCOLA PARTICULAR
 NA CIDADE DE SETE LAGOAS-MG**

Jéssica da Silva Alves Fernandes¹, Natália Cristina de Faria², Suzane Mota Marques Costa³

RESUMO

Introdução: O quadro de transição nutricional mostra um aumento alarmante do número de crianças acima do peso no mundo. Essa mudança tem sido associada a um aumento da ingestão de alimentos ultraprocessados e diminuição da ingestão de alimentos naturais. **Objetivo:** Avaliar o consumo alimentar habitual de crianças em fase escolar e pré-escolar e seu estado nutricional. **Materiais e Métodos:** Estudo transversal com análise descritiva com abordagem quantitativa desenvolvida com 46 alunos (2 a 10 anos de idade) de uma escola privada de cidade do interior de Minas Gerais. Foi aplicado um questionário de consumo alimentar e realizada a coleta de peso e altura para IMC, além da coleta de informações sobre o cuidador. Para a análise estatística foi utilizado o t test, seguido pelo fator de múltiplas comparações Newman Keyls. **Resultado e discussão:** Na amostra estudada, a prevalência de sobrepeso foi de 30,4% das crianças. Na avaliação do consumo alimentar, 95,0% das crianças apresentaram consumo inadequado de doces e guloseimas, com média de consumo 4,5 vezes maior do que o recomendado. Maior peso foi relacionado a menor consumo de frutas e vegetais e maior ingestão de doces e guloseimas. Menor grau de instrução do cuidador também se relacionou com maior consumo de doces e guloseimas. **Conclusão:** O presente trabalho evidencia estado nutricional inadequado em 34,8% das crianças e atitudes alimentares incorretas. Enfatiza-se a importância da realização de atividades de educação nutricional nas escolas, uma vez que má alimentação pode trazer sérios prejuízos à saúde e ao desenvolvimento infantil.

Palavras-chave: Avaliação Nutricional Infantil. Consumo Alimentar. Pré-Escolares.

1 - Nutricionista, pela Faculdade Ciências da Vida (FCV), Brasil.

2 - Nutricionista, Mestre e Doutoranda em Ciência de Alimentos, Faculdade de Farmácia, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Docente do curso de Nutrição da Faculdade Ciências da Vida (FCV), Brasil.

ABSTRACT

Assessment of the Nutritional and Food Consumption of Children in Preschool and School Stage of a Private School in the City of Sete Lagoas-MG.

Introduction: The nutritional transition shows an alarming increase of overweight children in the world. This change has been associated with an increase in the intake of ultra-processed foods and a decrease in the intake of natural foods. **Objective:** To assess the food consumption of school-age and pre-school children and their nutritional status. **Materials and Methods:** Cross-sectional study with descriptive analysis with a quantitative approach developed with 46 students (2 to 10 years old) from a private school in a city in Minas Gerais. A food consumption questionnaire was applied and weight and height collection for BMI were collected, in addition to the information about the caretaker. For statistical analysis, the t test was used, followed by the Newman Keyls multiple comparison factor. **Results and discussion:** In the sample, the prevalence of overweight children was 30.4%. In the assessment of food consumption, 95.0% of children had inadequate consumption of sweets, 4.5 times higher than recommended. Greater weight was related to lower consumption of fruits and vegetables and higher intake of sweets and treats. A lower level of education of the caretaker was also related to a higher consumption of sweets and treats. **Conclusion:** This study shows inadequate nutritional status in 34.8% of children and improper eating habits. The importance of carrying out nutritional education activities in schools is emphasized, since a poor diet may damage children's health and development.

Key words: Child Nutritional Assessment. Food Consumption. Preschoolers.

3 - Nutricionista, Mestre e Doutora em Fisiologia e Farmacologia, Instituto de Ciências Biológicas (ICB), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Docente da Faculdade Ciências da Vida (FCV), Brasil.

INTRODUÇÃO

O atual quadro de transição nutricional evidencia um aumento alarmante do número de crianças com excesso de peso no mundo.

Nos últimos 50 anos, houve uma elevação de cerca de dez vezes no número de crianças obesas na população geral. A estimativa é que no mundo existam um total de 43 milhões de crianças com idade menor que 5 anos com sobrepeso (Muller e colaboradores, 2014).

Nesse contexto, pesquisas mostram que nos últimos anos, houve um aumento significativo da ingestão de alimentos ultraprocessados, com elevado teor de carboidratos refinados, gordura saturada e trans, sódio e conseqüentemente diminuição da ingestão de leguminosas, raízes, tubérculos, frutas e hortaliças no público infantil.

Esse novo perfil alimentar causa prejuízos à saúde das crianças e pode gerar efeitos a curto e longo prazo, culminando no aumento dos riscos do aparecimento de doenças crônicas não transmissíveis (DCNT), tais como diabetes, hipertensão e dislipidemias.

Além disso, esse tipo de alimentação também pode trazer outros prejuízos, como baixo rendimento escolar e diminuição da expectativa de vida (Claro e colaboradores, 2015; Kneipp e colaboradores, 2014; Pereira e colaboradores, 2016).

No entanto, a infância é um período em que ocorre a definição de padrões alimentares que estarão presentes ao longo de toda a vida. As crianças tendem a ter preferência por alimentos que lhe são oferecidos com maior frequência. Sendo assim, os pais têm papel fundamental no estabelecimento dos hábitos alimentares de seus filhos (Silva e colaboradores, 2016; Melo e colaboradores, 2017; Lourenço, Santos, Carmo, 2014; Pereira, Lang, 2014).

Nesse sentido, estudos mostram que a escolaridade dos pais e a renda familiar podem interferir no consumo alimentar das crianças. Normalmente, pais mais instruídos tendem a oferecer alimentos mais saudáveis aos seus filhos (Vega, Poblacion, Taddei, 2014).

Por outro lado, a renda familiar também parece ser um fator decisivo, uma vez que oferecer um cardápio com variedade de alimentos saudáveis, tais como hortaliças, grãos integrais, frutas e carnes magras, geram

um custo mais elevado (Vaz, Bennemann, 2014; Bento, Esteves, França, 2014; Ruschel e colaboradores, 2015).

Além da influência dos pais, o ambiente escolar também possui um papel decisivo na formação de os hábitos alimentares infantis. A escola é um lugar onde as crianças passam grande parte do tempo e partilham ideias, comportamentos e habilidades.

Por essa razão, torna-se um ambiente favorável para a definição de alimentação adequada e promoção de ações de educação em saúde (Fisberg e colaboradores, 2015; Lima, 2016).

Assim, esse trabalho justifica-se porque avalia o consumo alimentar de pré-escolares e escolares, evidenciando os principais equívocos alimentares, correlacionando uma alimentação inadequada ao ganho de peso.

Além disso, avalia se o grau de escolaridade do cuidador socioeconômicos podem influenciar na alimentação dos escolares. Dessa forma, torna-se uma ferramenta para possíveis intervenções nutricionais na comunidade, de forma a melhorar a qualidade da alimentação das crianças, prevenindo comorbidades na infância e vida adulta.

Nesse sentido, o objetivo geral da pesquisa foi avaliar o consumo alimentar, o estado nutricional de crianças no ensino infantil e fundamental de uma escola do interior de Minas Gerais e a influência da escolaridade dos seus cuidadores nos seus hábitos alimentares.

Os objetivos específicos foram: avaliar a adequação da alimentação dos escolares, avaliar se o tipo de alimentação se relaciona com o estado nutricional das crianças e se a escolaridade do cuidador interfere na alimentação da criança.

MATERIAIS E MÉTODOS

O presente estudo trata-se de uma pesquisa de campo do tipo transversal, com análise descritiva e abordagem quantitativa, realizada com 46 crianças de ambos os sexos na faixa etária entre 2 e 10 anos de uma escola de ensino infantil e fundamental da rede privada do interior de Minas Gerais.

A pesquisa foi desenvolvida durante os meses de Setembro, Outubro e Novembro no ano de 2018, após a aprovação da Câmara de Ensino Pesquisa e Extensão (CENPEX) e

envio da carta de autorização da escola para realização da pesquisa. A coleta de dados foi realizada a partir da aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa da Faculdade de Minas - Faminas - situado no endereço Rua Cristiano Machado, 11001/12999, bairro Vila Clovis, Belo Horizonte - MG com telefone de contato (31) 2126-3100, e-mail cep@faminasbh.edu.br, com número de parecer do CEP 2.275.466. A participação dos pais e dos alunos na pesquisa foi de forma voluntária e seu anonimato foi mantido.

Os critérios de inclusão foram: crianças com idade pré-escolar entre 2 e 6 anos e idade escolar entre 7 e 10 anos (Silva e colaboradores, 2014), crianças não portadoras de alguma doença que pudesse comprometer o estado nutricional, com questionários de frequência alimentar preenchidos, questionários não duplicados, assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e do termo de assentimento do aluno.

E os critérios de exclusão foram: crianças portadoras de doença que comprometa o estado nutricional, idade inferior a 2 anos e idade superior a 10 anos, o não preenchimento do questionário, questionários duplicados e inconclusivos, a não assinatura do TCLE e do termo de assentimento do aluno. Todas as crianças que se encaixaram nos critérios de inclusão foram avaliadas.

Para a avaliação do estado nutricional foram utilizadas as curvas de crescimento, a antropometria foi feita com base nos critérios do Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional (SISVAN).

Realizou-se a aferição do peso com uma balança eletrônica com capacidade para 150kg e precisão 0,1kg da marca (TANITA). Para tal, na balança previamente ligada, a criança ficou descalça com os pés juntos, roupas leves, braços estendidos ao longo do corpo, sem adornos, ficando imóvel até que ocorresse a estabilização do peso no visor da balança.

Para aferição da estatura, foi utilizada fita métrica colada verticalmente em superfície lisa sem rodapé. Em seguida, as crianças foram posicionadas em pé, sem adereços na cabeça, os pés descalços, com os braços estendidos ao longo do corpo, olhando para um ponto fixo no horizonte, para que fosse realizada a leitura (Brasil, 2011).

Por fim, para a classificação do estado nutricional, foram utilizadas curvas de crescimento recomendadas pela Organização

Mundial de Saúde de acordo com escore-z, através dos indicadores de peso-para-idade (P/I), peso-para-estatura (P/E), estatura-para-idade (E/I) e IMC-para-idade, utilizando os pontos de corte recomendados. Para os indicadores de peso/idade, peso/estatura e IMC/idade foram considerados sobrepeso valores acima de +2 escores-z, e para classificação de baixo peso foram considerados valores abaixo de -2 escores-z. Para o índice de estatura/idade foi considerado déficit nutricional, valores < -2 escore-z. O IMC foi calculado dividindo-se o peso pelo quadrado da altura. As classificações das curvas de crescimento, idade, peso, estatura, IMC foram computados em tabela do Microsoft Excel 2010.

Através da aplicação de questionário de frequência alimentar (QFA) buscou-se avaliar o consumo alimentar das crianças em fase pré-escolar e escolar. O questionário possuía perguntas a respeito da frequência de consumo e da quantidade das respectivas porções consumidas, informações sobre a criança e seu cuidador. Os marcadores de consumo alimentar que compõe o questionário foram divididos em 10 grupos: doces e guloseimas; salgados e preparações; leites e produtos lácteos; óleos e gorduras; cereais, pães e tubérculos; vegetais; frutas; leguminosas; carnes e ovos e por último, bebidas.

As frequências de consumo estipuladas para análise foram: Nunca, menor que uma vez no mês, de um a três vezes no mês, uma vez por semana, de duas a quatro vezes na semana, uma vez no dia, maior ou igual a duas vezes ao dia. As quantidades de porções estipuladas para consumo diário foram: nunca consumiu, consumiu menos que uma porção, consumiu uma porção, consumiu de duas a três porções, consumiu de quatro a cinco porções, consumiu seis porções ou mais, conforme questionário validado por Pino e adaptado para população em estudo (Pino, 2009).

Em seguida, foi avaliado o percentual de adequação alimentar. Primeiramente as porções com frequência de meses ou semanas foram convertidas para porções diárias consumidas pela criança em cada grupo alimentar.

Logo em seguida, foram comparados com a recomendação diária estipulada pela Pirâmide Alimentar Infantil proposta pela Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP, 2012). Segundo ela, crianças na fase pré-escolar e

escolar podem consumir até uma porção diária de alimentos dos grupos de açúcar e doces, óleos e gordura e leguminosas; até duas porções diárias de carnes e ovos; até três porções diárias de leite e derivados, frutas, verduras e legumes e até cinco porções diárias de cereais, pães e tubérculos.

Assim, para as análises estatísticas foi utilizado o teste One Way Anova seguido do teste de múltiplas comparações Newman Keys, para tal foi considerado valor significativo de $p < 0,05$ do software GraphPad Prism versão 4.0.

RESULTADOS

Avaliação do Perfil Nutricional

A amostra representou 93,9% (n=46) dos alunos pré-escolares e escolares matriculados no ensino infantil e ensino fundamental da escola avaliada. Entre os participantes 43,5% (n=20) eram do sexo feminino e 56,5% (n=26) do sexo masculino.

Em relação ao estado nutricional, observou-se que 30,4% apresentaram sobrepeso e obesidade e 4,4% desnutrição (figura 1).

Classificação do estado nutricional (IMC/I)

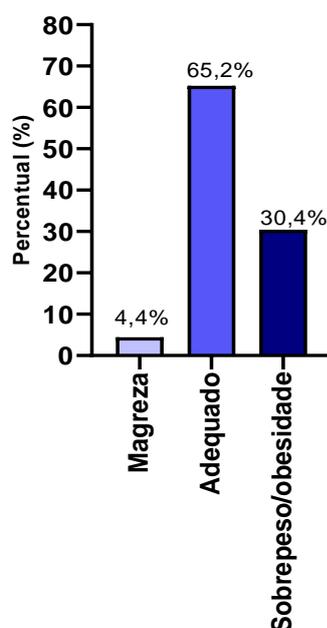


Figura 1 - Classificação do estado nutricional, segundo os indicadores antropométricos IMC/I das crianças de uma escola privada da região de Sete Lagoas-MG, 2018.

Consumo e Percentual de Adequação Alimentar

Além disso, foi avaliado a média do consumo diário de cada grupo alimentar e o quanto está adequado em relação as recomendações propostas pela Pirâmide Alimentar Infantil.

Neste estudo, o consumo de óleos e gorduras, leite e produtos lácteos, cereais,

pães e tubérculos e vegetais se mostraram dentro da recomendação diária, porém, os demais grupos ultrapassaram os limites recomendados.

Ressalta-se o consumo exorbitante de doces e guloseimas, que representa uma média de 451,0% do percentual de adequação, ou seja, um consumo 4,5 vezes maior do que o recomendado (figura 2).

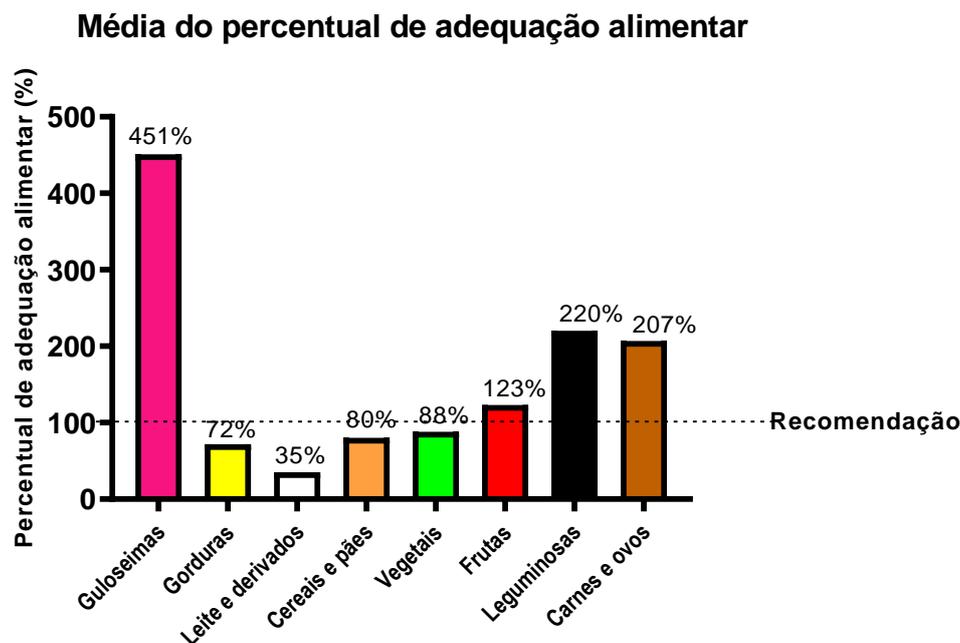


Figura 2 - Média do percentual de adequação alimentar de acordo com as porções recomendadas pela Pirâmide Alimentar Infantil, considerando consumo adequado de cada grupo alimentar 100%.

Correlacionando o estado nutricional com o consumo alimentar, foi observado que as crianças que se encontravam acima do peso consumiram em média 7 porções diárias de doces e guloseimas, enquanto as crianças eutróficas consomem em média 3 porções diárias.

Por outro lado, as crianças eutróficas consomem em média 5 porções diárias de frutas e 5 de vegetais, enquanto as crianças com excesso de peso consomem em média 2 porções de frutas e 1 de verduras diariamente. Esse resultado evidencia a relação entre bons hábitos alimentares e um estado nutricional adequado (figuras 3, 4 e 5).

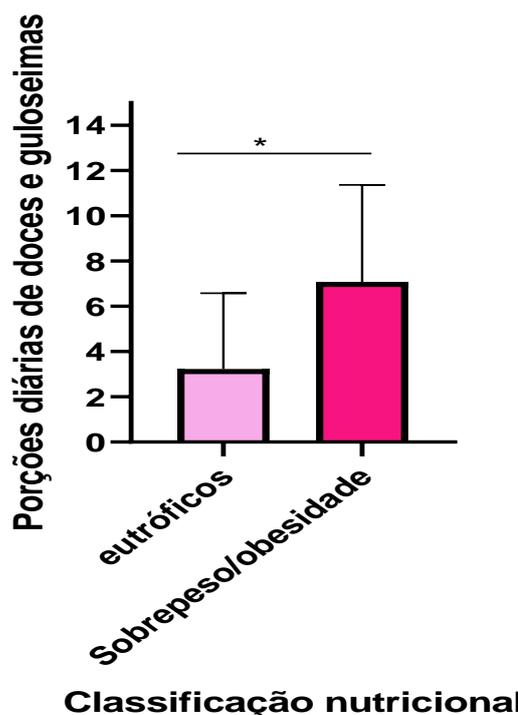


Figura 3 - Teste One Way Anova seguido do teste de múltiplas comparações Newman Keys, *Estatisticamente significativa com $p < 0,01$. Grupo alimentar de doces e guloseimas.

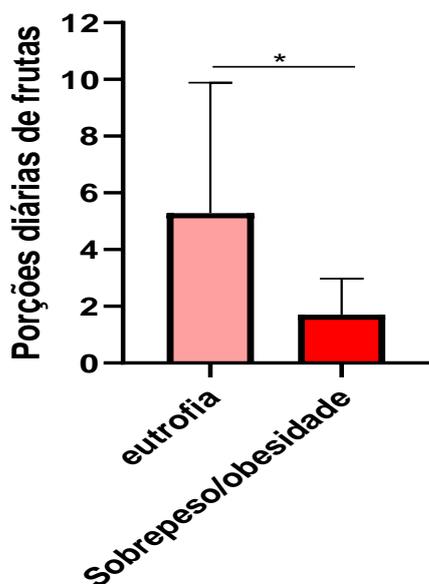


Figura 4 - Teste One Way Anova seguido do teste de múltiplas comparações Newman Keys, *Estatisticamente significativa com $p < 0,01$. Grupo alimentar de frutas.

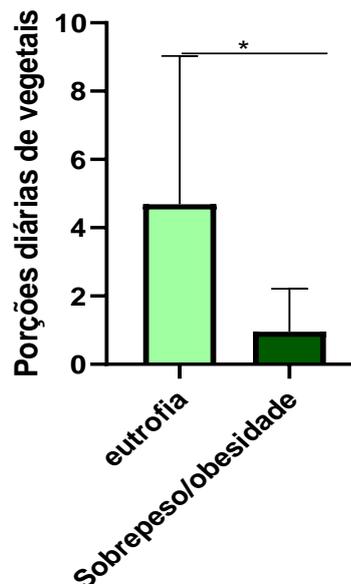


Figura 5 - Teste One Way Anova seguido do teste de múltiplas comparações Newman Keys, *Estatisticamente significativa com $p < 0,01$. Grupo alimentar de vegetais.

Influência do grau de instrução do cuidador nos hábitos alimentares dos escolares

O presente trabalho também avaliou se o grau de instrução dos cuidadores poderia interferir na alimentação das crianças.

Nesse sentido, observou-se que a grande maioria das crianças são cuidadas pela mãe 78,4% ($n=29$) e que a escolaridade do cuidador variou, sendo que 35,2% possuem pós-graduação completa, 18,9%

ensino superior completo, 37,8% possuem 2º grau completo e 8,1% 1º grau completo.

Comparando-se a escolaridade do cuidador com a alimentação da criança, constatou-se que as crianças assistidas por pessoas com 1º grau completo consumiram mais porções do grupo de doces e guloseimas em comparação com crianças que possuíam cuidadores com maior nível de instrução ($p < 0,001$) (figura 6).

Consumo diário de porções de guloseimas versus escolaridade do cuidador

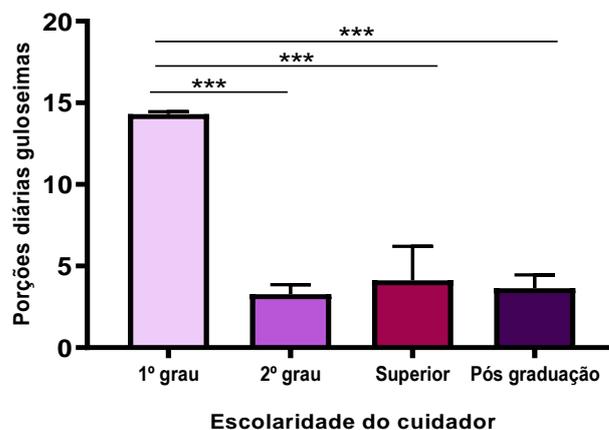


Figura 6 - Teste One Way Anova seguido do teste de múltiplas comparações Newman Keys, ***Estatisticamente significativa com $p < 0,001$.

DISCUSSÃO

No que tange a avaliação nutricional das crianças, vários trabalhos da literatura corroboram os resultados encontrados. Em um estudo que avaliou crianças cadastradas na estratégia de saúde da família (ESF), 12,2% apresentaram desnutrição de acordo com o índice de IMC/I, 51,3% peso adequado, 17,4% risco de sobrepeso, 10,4% sobrepeso e 8,7% obesidade (Melo e colaboradores, 2017).

Além disso, em outro estudo foram avaliadas crianças em idade pré-escolar e verificaram que 63,0% apresentaram peso adequado e 30,7% excesso de peso pelo índice de IMC/I (Lourenço, Santos, Carmo, 2014).

Segundo os autores a prevalência de crianças acima do peso segue em significativo aumento com o passar dos anos. Os pesquisadores mostram que 1 a cada 5 crianças está acima do peso devido a hábitos de alimentares inadequados adquiridos precocemente.

Assim, é imprescindível estratégias que estimulem a adoção de hábitos saudáveis, de forma a reduzir a ingestão de alimentos ricos em açúcares e gorduras e incentivar o aumento do consumo de alimentos in natura e minimamente processados (Lourenço, Santos, Carmo, 2014; Brasil, 2014).

Por outro lado, no que se refere a escolaridade dos cuidadores, os achados deste estudo são divergentes dos encontrados em estudo realizado em Belo Horizonte MG, que observou que 4,0% das mães possuem ensino superior completo, 32,1% ensino médio completo, e 5,6% ensino fundamental completo (Silva e colaboradores, 2014).

Porém, as amostras utilizadas nos dois estudos eram bastante heterogêneas, o que pode explicar a variação.

De acordo com a literatura, o nível de escolaridade dos pais pode influenciar a escolha dos alimentos das crianças, uma vez que pais com maior grau de instrução tendem a oferecer alimentos mais saudáveis aos seus filhos (Vega, Poblacion, Taddei, 2014).

O presente estudo corrobora com essa informação, pois as crianças que possuíam cuidadores com 1º grau completo consumiram mais porções do grupo de doces e guloseimas do que as crianças que possuíam cuidadores com maior nível de instrução.

Ademais, neste estudo um consumo elevado de doces e guloseimas e baixa ingestão de frutas e verduras, sobretudo nas

crianças com excesso de peso. Nickel, Mezzomo e Ravazzani (2018), observaram resultados semelhantes, em que a população em estudo apresentou consumo superior ao recomendado no grupo alimentar de óleos e gorduras, açúcares e doces, carne e leguminosas.

Além disso, um estudo realizado por Garcia e colaboradores (2014), também mostrou inadequações da alimentação de crianças de 2 a 5 anos, onde 20,0% delas apresentaram baixo consumo de verduras e legumes. Segundo os autores, o consumo de alimentos ricos em gorduras e açúcares é cada dia mais frequente entre as crianças.

Além disso, eles ressaltam que os ácidos graxos saturados presentes em grande quantidade nesses alimentos contribuem para o aumento nos níveis do colesterol na circulação sanguínea e podem estar relacionados ao aumento do sobrepeso e obesidade bem como ao aparecimento de outras condições crônicas, como doenças cardiovasculares (Lourenço, Santos, Carmo, 2014; Garcia e colaboradores, 2014).

Por fim, nossos achados também corroboram os resultados do estudo de Júnior, Souza e Santos (2020), mostrou que dos adolescentes avaliados que estavam acima do peso, 71,42% mostraram alto consumo do grupo de alimentos industrializados e 73,46% mostraram alto consumo do grupo alimentar de alimentos ricos em açúcares e gordura. Esses resultados evidenciam o papel decisivo do consumo desses alimentos, ricos em energia, no ganho de peso corporal (Júnior, Souza, Santos, 2020).

Como demonstrado anteriormente, vários trabalhos têm mostrado a relação entre o consumo alimentar e o ganho de peso. No entanto, o presente trabalho também foi capaz de quantificar o percentual de inadequação do consumo, bem como de relacioná-lo de maneira direta (número de porções) com o estado nutricional do público estudado.

Além disso, nosso trabalho foi capaz de evidenciar o papel da escolaridade do cuidador nessa relação, destacando como a formação escolar pode contribuir para melhora do estado nutricional e saúde das crianças.

Dessa forma, nosso trabalho destaca os pontos exatos da alimentação infantil que precisam ser trabalhados e essa ferramenta pode direcionar intervenções nutricionais na comunidade, trazendo benefícios a população local.

No entanto, a limitação do estudo foi avaliar o público de apenas uma instituição educacional.

CONCLUSÃO

Diante do exposto, foi possível observar a importância em se avaliar o estado nutricional e consumo alimentar de crianças pré-escolares e escolares, uma vez que é comum excesso de peso e consumo exagerado de alimentos ricos em açúcar e gordura.

O presente estudo evidencia que apesar da maior parte das crianças estarem com peso adequado, foi encontrado um número importante de crianças com excesso de peso.

Além disso, observaram-se atitudes alimentares incorretas, prevalecendo consumo exagerado de alimentos do grupo de doces e guloseimas e baixo consumo de frutas e vegetais, que estão relacionados com o excesso de peso das crianças.

Por outro lado, conclui-se que o nível de escolaridade do cuidador refletiu no consumo alimentar, mostrando que, para crianças em que o responsável possuía menor escolaridade, houve maior consumo de alimentos do grupo de doces e guloseimas.

Assim, ressalta-se a importância em se realizar atividades de educação nutricional em escolas, uma vez que uma má alimentação pode trazer sérios prejuízos à saúde infantil e o ambiente escolar pode influenciar de forma significativa o consumo e os hábitos alimentares infantis.

Sugere-se para futuros trabalhos a avaliação da renda familiar para se obter uma análise mais detalhada sobre as condições financeiras e sua relação com o consumo alimentar e estado nutricional da população de estudo.

AGRADECIMENTOS

Estudo financiado pelo Centro de Estudo III Millenium LTDA.

CONFLITO DE INTERESSES

Todos os autores leram e aprovaram a versão final do manuscrito. Não há conflito de interesses.

REFERÊNCIAS

- 1-Bento, I.C.; Esteves, J.M.M.; França, T.E. Alimentação saudável e dificuldades para torná-la uma realidade: percepções de pais/responsáveis por pré-escolares de uma creche em Belo Horizonte-MG, Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*. Vol. 20. Num. 8. 2014. p. 2389-2400.
- 2-Claro, R.M.; Santos, M.A.S.; Oliveira, T.P.; Pereira, C.A.; Szwarcwald, C.L.; Malta, D.C. Consumo de alimentos não saudáveis relacionados a doenças crônicas não transmissíveis no Brasil: Pesquisa Nacional de Saúde, 2013. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*. Vol. 24. Num. 2. 2015. p. 257-265.
- 3-Fisberg, M.; Del'Arco, A.P.W.T.; Previdelli, A.; Tosatti, A.M.; Almeida, C.A.N. Hábito alimentar nos lanches intermediários de crianças pré-escolares brasileiras: estudo em amostra nacional representativa. *International Journal of Nutrology*. Vol.8. Num. 4. 2015. p. 58-71.
- 4-Garcia, C.; Brum, J.P.; Schneider, D.E.R.; Koepp, J.; Possuelo, L.G. Consumo alimentar: um estudo sobre crianças com sobrepeso e obesidade do Espaço Mamãe Criança de Vera Cruz-RS. *Cinergis*. Vol. 15. Num. 4. 2014. p. 195-200.
- 5-Júnior, A.M.S.; Souza, H.B.; Santos, M.M.D. Análise do consumo alimentar e prática de exercício físico em adolescentes e sua correlação com a obesidade em escola na região metropolitana do Recife. *Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento*. São Paulo. Vol. 14. Num. 87. 2020. p. 530-539.
- 6-Kneipp, C.; Habitzreuter, F.; Mezadri, T.; Höfelmann, D.A. Excesso de peso e variáveis associadas em escolares de Itajaí, Santa Catarina, Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*. Vol. 20. Num. 8. 2014. p. 2411-2422.
- 7-Lima, P.A. Estratégias de educação alimentar e nutricional com crianças brasileiras no ambiente escolar: uma revisão sistemática. TCC. Universidade Federal de Pernambuco. Vitória de Santo Antão. 2016.
- 8-Lourenço, M.; Santos, C.; Carmo, I. Estado nutricional e hábitos alimentares em crianças

de idade pré-escolar. Revista de Enfermagem Referência. Vol. IV. Num. 1. 2014. p. 7-13.

9-Melo, K.M.; Cruz, A.C.P.; Brito, M.F.S.F.; Pinho, L. Influência do comportamento dos pais durante a refeição e no excesso de peso na infância. Esc Anna Nery. Vol. 21. Num. 4. 2017. p. 1-6.

10-Muller, R.M.; Tomasi, E.; Facchini, L.A.; Piccini, R.X.; Silveira, D.S.; Siqueira, F.V.; Thumé, E.; Silva, S.M.; Dilélio, A.S. Excesso de peso e fatores associados em menores de cinco anos em populações urbanas no Brasil. Revista Brasileira de Epidemiologia. 2014. p. 285-296.

11-Nickel, H.K.R.; Mezzomo, T.R.; Ravazzani, D.A. Perfil nutricional de crianças assistidas por um projeto social em Campo Largo-PR. Revista de Saúde e Desenvolvimento. Vol. 12. Num. 10. 2018. p. 42-53.

12-Pereira, I.F.S.; Andrad, L.M.B.; Spyrides, M.H.C.; Lyra, C.O. Estado nutricional de menores de 5 anos de idade no Brasil: evidências da polarização epidemiológica nutricional. Ciência & Saúde Coletiva. Vol. 22. Num. 10. 2016. p. 3341-3352.

13-Pereira, M.M.; Lang, R.M.F.; Influência do ambiente familiar no desenvolvimento do comportamento alimentar. Revista UNINGÁ. Vol. 41. 2014. p. 86-89.

14-Pino, D.L.D. Adaptação e validação de um questionário de Frequência alimentar para crianças de 6 a 10 anos. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2009.

15-Ruschel, L.F.; Henn, R.L.; Backes, V.; Melo, P.; Marques, L.A.S.; Olinto, M.T.A. Insegurança alimentar e consumo alimentar inadequado em escolares da rede municipal de São Leopoldo-RS, Brasil. Ciência & Saúde Coletiva. Vol. 21. Num. 7. 2015. p. 2275-2285.

16-Silva, A.S.; Alves, D.A.; Lemos, I.C.S.; Albuquerque, G.A. Alimentação complementar em menores de um ano: interpretações de mães adolescentes. Revista Saúde e Desenvolvimento. Vol. 9. Num. 5. 2016. p. 94-105.

17-Silva, M.C.; Capanema, F.D.; Lamounier, J.A.; Silva, A.C.A.; Oliveira, B.M.; Rodrigues, J.

Perfil nutricional de crianças pré-escolares em creches públicas de Belo Horizonte-Minas Gerais beneficiárias ou não do Programa Bolsa Família. Percurso Acadêmico. Belo Horizonte. Vol. 4. Num. 7. 2014. p. 1-17.

18-SBP. Sociedade Brasileira de Pediatria. Manual de orientação departamento de nutrologia. Rio de Janeiro. 2012.

19-Vaz, D.S.S.; Bennemann, R.M. Comportamento alimentar e hábito alimentar: Uma revisão. Revista UNINGÁ. Vol. 20. Num. 1. 2014. p. 108-112.

20-Vega, J.B.; Poblacion, A.P.; Taddei, J.A.A.C. Fatores associados ao consumo de bebidas açucaradas entre pré-escolares brasileiros: inquérito nacional de 2006. Ciência & Saúde Coletiva. Vol. 20. Num. 8. 2014. p. 2371-2380.

E-mail dos autores:

jessicanutri596@hotmail.com.br.

natfarianutri@yahoo.com.br.

suzanenutricao@gmail.com

Recebido para publicação em 15/07/2021

Aceito em 13/08/2021